

Ana Z., aonde vai você?



Marina Colasanti

Manual do Professor

A leitura me precedeu abrindo portas, fornecendo respostas a perguntas que eu ainda não havia conseguido formular. Teria conseguido formular as perguntas sem os livros? E onde encontraria as respostas? Eu, tão curiosa, onde ia bater com todos os meus pontos de interrogação?

Marina Colasanti, *Fragatas para terras distantes*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 147.

A literatura é indispensável na formação dos alunos. Pessoas que leem transitam com mais tolerância por diferentes culturas, mostram-se mais disponíveis às diferenças. Pela literatura, fronteiras culturais são rompidas pelo contato humano de diferentes personagens.

A leitura literária precisa ser conduzida, ensinada. Sabe-se que a leitura é uma experiência solitária, mas, na escola, deve ser encarada como algo que necessita da mediação do professor. Cada texto possui uma chave para acessá-lo, e cabe ao professor fornecer condições para que os alunos também possam acessar diferentes gêneros e autores.

As barreiras que impedem o alcance do aluno ao texto literário podem ser minimizadas quando o professor lê para os seus alunos, junto com eles – não necessariamente o livro todo, mas algumas páginas selecionadas na leitura prévia, aquelas em que se percebe um grau significativo de dificuldade ou mesmo aquelas que certamente poderão encantá-los.

A obra **Ana Z., aonde vai você?**, da escritora Marina Colasanti, permite que os alunos da fase final da educação básica tenham contato com a língua em forma de arte. Essa leitura, assim como a de outros textos literários, colabora para que os jovens expandam seus horizontes e suas perspectivas culturais.

Ana Z., aonde vai você? está em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o Ensino Médio à medida que o aluno do Ensino Médio encontra-se na mesma etapa de vida que a personagem, passando por conflitos de transições físicas e emocionais. Nesses termos, podemos afirmar que

A qualidade social da educação brasileira é uma conquista a ser construída coletivamente de forma negociada, pois significa algo que se concretiza a partir da qualidade da relação entre todos os sujeitos que nela atuam direta e indiretamente. Significa compreender que a educação é um processo de

produção e socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam conhecimentos e valores.

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. 2013. p. 153.

Portanto, com a educação através da literatura, os alunos se desenvolvem enquanto indivíduos. A história de Marina Colasanti, sob o tema Ficção, mistério e fantasia, torna possível perceber a valorização da experiência, do discernimento entre o que realmente importa, da necessidade de comunicação entre as pessoas, da importância de se ser quem realmente é, do significado dado aos amigos, da experimentação mais plena da vida, do poder atribuído à fantasia e aos sonhos, da perseguição dos desejos, do prazer proporcionado pela aventura de viver e de crescer.

Ao acompanhar a viagem iniciática de Ana Z., esses jovens poderão sentir o prazer da fruição estética e poderão humanizar-se ainda mais.

ANTES DE LER O LIVRO

Marina Colasanti nasceu em 1937 na Eritreia (África), passou por Trípoli (Líbia) e viveu na Itália com a família por onze anos. Mudou-se para o Brasil em 1948 e, desde então, mora no Rio de Janeiro. Sua vida está intimamente ligada às viagens. Viajar sempre fez parte de sua rotina e, atualmente, segue participando de inúmeras atividades literárias que acontecem mundo afora.

A autora dialoga habilmente com diferentes públicos e é reconhecida pela qualidade da sua obra, em que se destacam uma diversidade de gêneros: ensaios, poemas, crônicas, contos de fadas, minicontos e romances. O olhar sensível sobre o diverso marca os textos de Marina Colasanti, destinados a públicos também diversos. Escreve livros para crianças, jovens e adultos sem se preocupar com essas distinções. Em seu ensaio “À flor da pele”, Marina Colasanti afirma que “na leitura, as fronteiras etárias se diluem” (p. 92), mas gosta de conversar com os jovens “através da emoção”, pois acredita que “[...] é a emoção, mais do que a história em si, que estabelece o diálogo com o leitor [...]” (p. 97). Nesse mesmo ensaio, ela afirma que a obra **Ana Z., aonde vai você?** foi escrita conscientemente com a intenção de dialogar com o público jovem, e a aventura iniciática da protagonista surgiu da necessidade de “pleno conhecimento das personagens” (p. 97) que, tempos antes, experimentou ao trabalhar em um roteiro de cinema.

As ilustrações presentes no livro foram feitas pela própria autora, que além de escritora e jornalista é artista plástica.

A obra **Ana Z., aonde vai você?** se enquadra no segmento literatura juvenil e é destinada aos alunos do Ensino Médio, pertencendo ao gênero novela. Segundo a própria autora, a protagonista é a menina aventureira que ela nunca havia encontrado em suas leituras infantojuvenis, da qual sentia falta. Através da ficção e da fantasia, as aventuras de Ana Z. são uma bonita metáfora para o crescimento e o amadurecimento pelos quais passam os jovens.

Não confunda novela com telenovela. A novela é um texto literário muito antigo. Na Idade Média, por exemplo, foram escritas as famosas novelas de cavalaria, como a Demanda do Santo Graal. Uma das novelas mais conhecidas da literatura brasileira é *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. A novela é um gênero literário que se situa entre o conto e o romance. Em termos de extensão, é maior que o conto e menor que o romance.

Motivação para a leitura

Professor, inicialmente, peça aos alunos que identifiquem informações sobre o livro: quem é a autora e ilustradora? Antes de iniciar a leitura, também é fundamental que os alunos levantem hipóteses a respeito do que vão ler. Para isso, peça a eles que leiam o título, observem a capa e a imagem que a compõe. Em seguida, pergunte a eles: “Do que trata esse livro?”, “O que vocês imaginam que acontece nessa história?”. É provável que os alunos notem que a protagonista é uma criança e pensem que uma viagem pelo deserto faça parte do desenvolvimento do enredo, para onde provavelmente Ana se dirige. Chame a atenção para o fato de o título já indicar movimento com o emprego do verbo “ir”.

Passe, então, à leitura da quarta capa, com a descrição da autora e uma sinopse do livro. Peça aos alunos que observem atentamente as pistas sobre a protagonista, Ana Z., e o enredo da história. Após a leitura, encaminhe a continuação do levantamen-

to de hipóteses com a questão “As hipóteses levantadas inicialmente, apenas com as informações da capa, podem ser confirmadas com a leitura da quarta capa?”.

Pergunte quais são as pistas sobre a protagonista da história e quais adjetivos poderiam ser usados para descrevê-la. É possível afirmar que Ana é uma menina curiosa e destemida. Não se sabe o motivo exato pelo qual está debruçada no poço. Independentemente da intenção, a menina está sozinha e se mostra curiosa e corajosa ao descer no poço e encarar o desconhecido e a escuridão. Destaque aspectos que indicam pontos do enredo: a protagonista viajará por diferentes lugares, “percorrerá paisagens e culturas diferentes” e passará por um crescimento pessoal.

A seguir, peça aos alunos que leiam os títulos dos capítulos e também que folheiem o livro, observando atentamente as ilustrações que compõem cada um dos capítulos. Pergunte, então, sobre o espaço narrativo, onde se passa a história e quais outras pistas eles podem encontrar sobre o enredo.

É possível que os alunos apontem que Ana encontrará uma toupeira (“Toupeira quase cega, quase muda” – p. 12) e ouro (“Muito ouro, sem tesouro” – p. 13). Também podem dizer que ela passará pelo deserto (“Mais cara que um camelo” – p. 41), por uma cidade (“A cidade sem igual” – p. 54), pelo Egito (ilustração da p. 25), que encontrará um barco (“De vento em popa” – p. 48), um dirigível (ilustração da p. 53) e ruínas (ilustração da p. 55). Aponte a ideia de circularidade sugerida pelos títulos dos capítulos finais: “De volta ao começo” (p. 74), “O fundo recomeço” (p. 76) e “enFIM” (p. 79).

Por fim, leia com os alunos a citação que segue, retirada de um texto, também de Marina Colasanti:

Quando passei a usar o lápis, tornei-me outra leitora. Ou melhor, quando me tornei outra leitora, passei a usar o lápis. Não desço mais, entregue, nas corredeiras. Sou seu vigilante. Analiso a força das águas, sua direção, sua profundidade. Meço a transparência, procuro o que nela se move. Vou, sim, com ela, e me encanto, e me deixo molhar pelas espumas. Mas a qualquer remanso indevido, a qualquer turvação, minhas orelhas se erguem atentas, meu lápis se apoia na margem. Anoto, controlo. Por um instante não estou sendo levada, botei um pé para fora do bote. Tornei-me interlocutora do autor.

Marina Colasanti, “Que escritor seria eu se não tivesse lido?”. In: *Fragatas para terras distantes*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 149.

A escritora tece uma bela relação metafórica para nos contar como se tornou uma leitora atenta às mensagens que o texto endereça a cada um dos leitores, de como se tornou uma leitora que estabelece conscientemente um diálogo com os textos lidos. O texto como as corredeiras de um rio, e o lápis servindo como remo para o leitor.

Oriente os alunos a colocar em prática essas ações, a fim de se tornarem leitores mais atentos dos textos e deles mesmos. Nesse sentido, peça aos alunos que destaquem as passagens mais significativas da obra e anotem no caderno os sentimentos ou questões que essas passagens despertarão. Organize e estimule a leitura do primeiro capítulo ainda em sala de aula. Promova um momento de leitura coletiva. Terminada a leitura das páginas iniciais, estabeleça um prazo para que a turma faça a leitura individual do livro. Oriente os alunos a buscar um local tranquilo, bem iluminado e arejado para ler, a fim de que possam focar na leitura e compreender aquilo que leem. Durante o período em que os alunos estiverem lendo, instigue-os perguntando alguns detalhes da história e estimule-os a prosseguir a leitura, questionando quais são os sentimentos ou dúvidas que eles estão anotando. As diferentes questões podem ser objeto de discussão acerca da obra.

O texto e o contexto

Após a leitura integral da obra, peça aos alunos que releiam as passagens selecionadas ao longo da leitura individual que fizeram, e que tentem justificar suas escolhas. A partir daí, será possível conhecer como a leitura impactou cada um dos alunos e por que isso ocorreu.

Retome a informação da quarta capa sobre o fato de o livro tratar do crescimento pessoal. Pergunte como isso ocorreu com Ana Z. Observe se eles perceberam que, ao longo de sua jornada, a protagonista tem a oportunidade de deparar com o novo e com os sentimentos que ele desperta. Ana Z., inicialmente uma menina curiosa, precisa encarar o medo do novo, a ansiedade presente nas tomadas de decisão e a coragem para arcar com todas as consequências de suas escolhas. Sem dúvida, lidar com essas questões permite que Ana amadureça e ingresse em uma nova etapa de sua vida. Esse crescimento é materializado na saia que fica curta, quando ela retorna à casa.

Interpretação do texto

Professor, tendo em vista a leitura da obra, proponha aos alunos questões que os façam refletir sobre os elementos da narrativa e sobre o enredo. Há, a seguir, algumas sugestões para encaminhar a discussão:

- “Para escrever **Ana Z., aonde vai você?**, Marina Colasanti escolheu um narrador bastante especial. Releia os dois primeiros parágrafos que abrem o primeiro capítulo e o capítulo ‘Onde ela se meteu?’ (p. 32). Trata-se de uma narração em primeira ou terceira pessoa? Qual é a importância do narrador para o desenvolvimento do enredo?” *É esperado que os alunos percebam que a narradora se coloca como personagem onisciente, visto que há momentos, como os mencionados, em que a narrativa ocorre em 1ª pessoa, com reflexões da narradora a respeito do enredo e dos sentimentos da protagonista.*
- “Sobre o espaço percorrido pela protagonista da história, responda à pergunta proposta no título, descrevendo os principais lugares por onde ela passou: fundo do poço, mina de ouro, tumba egípcia, deserto, cidade invisível e estúdio de cinema.” *Professor, peça aos alunos que elaborem a descrição de modo organizado, com descrições minuciosas e em parágrafos diferentes.*
- “Sobre o tempo narrativo, não é possível precisar cronologicamente quanto tempo durou as aventuras da protagonista; no entanto, o leitor percebe em determinados capítulos alguns marcadores temporais que explicitam o tempo psicológico, o tempo das vivências subjetivas da personagem. Tendo em vista o enredo da obra, justifique a importância do tempo psicológico em detrimento do tempo cronológico. Para tanto, releia o capítulo ‘Mais cara que um camelo’ (p. 41), bastante rico para analisar o tempo narrativo.” *O capítulo mostra muito do fluxo de pensamento de Ana. Destaque aos alunos que essa é uma característica do tempo psicológico. Pode ser lido também o seguinte trecho:*

“A partir deste ponto, o tempo começa a passar para Ana no ritmo das patas dos camelos. Sem pressa, ondulante, cheio de cintilações, igual a um tempo de mar. E será neste tem-

po que ela irá navegar em seus pensamentos esvaziados de qualquer urgência, enfileirando um dia atrás do outro, como uma caravana de dias, até o ponto de chegada.” (p. 43)

- “Em relação à protagonista, reflita sobre o que possivelmente move a busca de Ana, aonde ela realmente pretendia chegar adentrando na escuridão do poço.” Para responder a essa questão, os alunos devem pensar nas contas do colar, nos peixes, na escama de ouro. Eles devem identificar a importância desses elementos como metáforas que sugerem os conflitos da protagonista e conduzem-na ao amadurecimento.
- “‘Clímax’ é o momento culminante da história, ou seja, aquele de maior tensão, no qual o conflito atinge o seu ponto mais alto, o ponto máximo da narrativa. É possível identificar esse momento de tensão máxima na obra? Justifique.” É esperado que os alunos percebam que não há um clímax definido. Isso pode ser explicado pela passagem da infância para a adolescência, que acontece sem sobressaltos, como um processo natural.
- “O desfecho corresponde ao final da história e acontece, tradicionalmente, na sequência ao clímax. Comente como a escritora encaminha a narrativa rumo ao desfecho e o efeito de sentido que há nessa escolha.” Com pressa, sem muita euforia e com alguma frustração, Ana faz o percurso de volta. Mostra-se mais serena e menos curiosa com o que não encontra ao retornar, parece aceitar o fato de não encontrar tudo e todos do jeito que imaginava. Domar a ansiedade e aceitar a frustração faz parte de seu amadurecimento, e o retorno à casa da mãe mostra-se bastante acolhedor à protagonista, que percebe que realmente cresceu.

Linguagem

Ana Z., aonde vai você? foi escrita em 1992. É, portanto, uma narrativa contemporânea, assinada por uma escritora consagrada da literatura brasileira. Habilidosa, Marina Colasanti constrói um enredo que dialoga com a tradição literária e, ao mesmo tempo, faz uso de um recurso usado com frequência por outros escritores: a metalinguagem.

Esse recurso é utilizado com maestria pela escritora, e os efeitos de sentido são impressionantes, alcançados apenas por grandes autores. A narrativa abre com as incertezas do narrador, esclarecendo que sabe muito pouco sobre a protagonista. Em relação à linguagem, pode-se pedir aos alunos:

- “Releia o capítulo ‘Onde ela se meteu?’ (p. 32) e comente o efeito de sentido obtido com o uso do recurso metalinguístico.” (Há outras passagens interessantes nas p. 51 e 54.) Com esse recurso, o narrador faz do leitor seu cúmplice, convidando-o a acompanhar o processo de criação que será compartilhado com ele ao longo da obra, recurso fundamental para a composição da viagem iniciática da protagonista.

Professor, a obra de Marina Colasanti é uma oportunidade bastante rica para estudar as figuras de linguagem. Na obra **Ana Z. aonde vai você?**, podemos evidenciar que o uso recorrente de metáforas, comparações, personificações, antíteses, paradoxos, hipérboles, metonímias, anáforas, repetições, gradações e aliterações faz parte do processo criativo dessa escritora, que transita entre a prosa e a poesia com elegância e naturalidade. Peça aos alunos:

- “Leia a passagem a seguir transcrita, atentando às possíveis relações entre o enredo, o espaço e a protagonista. Identifique as figuras de linguagem e explique o efeito de sentido decorrente da utilização desses recursos.”

Aquilo que era uma linha sinuosa, espécie de longa serpente avançando

organizada, desdobra-se. Cargas, embrulhos, volumes, cestas, odres são retirados dos camelos. E ninguém diria que cada camelo pudesse carregar tanta coisa. Onde antes era silêncio, incha a algazarra. Tudo é rápido, porque a noite tem pressa de chegar. As pessoas correm. Cada um tem seus afazeres. Só Ana não tem nenhum, e se vê quase esquecida, parada no rodamoinho de gentes e sons, sem saber o que fazer.

Se ela não sabe, sabem os outros por ela. Quando a noite enfim abre sua manta escura, as fogueiras estão acesas diante das tendas de couro vermelho, um cheiro de comida se arrisca no ar, alguém tange as cordas de um instrumento.

Ana não havia sido esquecida. Com o corpo todo ondeante por dentro como se ainda estivesse no alto do camelo, se vê sentada diante das chamas, um prato de comida na mão, um cobertor de lã sobre os ombros. A noite é fria no deserto. O calor da areia dorme cedo. (p. 43-45)

Algumas figuras de linguagem que podem ser identificadas são: metáfora (“Aquilo que era uma linha sinuosa, espécie de longa serpente avançando organizada, desdobra-se” – p. 43), antítese (“Onde antes era silêncio, incha a algazarra” – p. 45), personificação (“Quando a noite enfim abre sua manta escura” – p. 45) e sinestesia (“Com o corpo todo ondeante por dentro como se ainda estivesse no alto do camelo” – p. 45). Com esses recursos, a autora criou imagens poéticas para descrever a cena.

Professor, destaque o uso de diversas figuras de linguagem na criação da novela lida, escrita em prosa poética. Mostre a variedade dessas figuras ao longo do livro. Em alguns momentos, as figuras de linguagem conferem ao texto um ritmo especial que envolvem o leitor em uma atmosfera de encanto. Para que os alunos percebam isso, proponha que eles identifiquem as figuras de linguagem usadas em alguns trechos. Você pode solicitar também que a turma escreva um pequeno texto utilizando esse recurso das figuras de linguagem. É uma boa maneira de sedimentar o entendimento e o uso desses recursos estilísticos.

- “Veja, a seguir, outros fragmentos em que as mesmas figuras de linguagem se repetem ao lado de outras diferentes. Identifique-as.”

Tudo bem com os cheiros. O nariz enxerga longe. Já com as cores é mais difícil. Como principiante que é, Ana vai pela memória e pela imaginação. Se ouve um farfalhar, pensa verde. Se bebe gosto de leite, pensa branco. Mas os outros, os habitantes deste oásis, há muito acostumados, garantem que sentem as cores pelo tato, como uma vibração ou um calor. (p. 65)

A figura de linguagem trabalhada aqui é a sinestesia, que é a mistura de sentidos e sensações. Nesse caso, a personagem ouve um som ou sente um gosto e pensa em uma cor.

E a surpresa, que vinha atropelando tudo, corpo adentro, é obrigada a parar diante daquela boca fechada, fica entalada na garganta. Ana mal consegue respirar. Aí engole, depois engole outra vez, empurrando a surpresa garganta abaixo, digerindo ela. Até respirar de novo, normalmente. (p. 24)

A figura de linguagem trabalhada aqui é a personificação, que é a personificação de seres ou objetos inanimados em animados. Nesse caso é a surpresa que se torna um ser e atropela tudo, é obrigada a parar, etc.

- “As narrativas de Marina Colasanti são definidas em prosa poética. Em alguns momentos, as figuras de linguagem conferem ao texto um ritmo espe-

cial que envolvem o leitor em uma atmosfera de encanto. Nos fragmentos que seguem, quais são as figuras de linguagem utilizadas? De que modo elas aproximam o leitor da narrativa?”

É talvez para ouvir melhor que inclina a cabeça um pouco de lado e estica o pescoço. Mas nesse gesto... plaft! O colar de contas brancas, contas que eu vi bem antes dela se inclinar, e que são de marfim, cada uma entalhada no feitio de uma rosa, prende-se no botão da blusa, e parte-se. Num instante, uma após a outra, como meninas em fila ou gotas de choro, as contas caem na escuridão do poço. E Ana, sem tempo para reagir, vê cada conta tornar-se uma mancha branca, depois uma manchinha branca, ponto branco, pontinho, branco nenhum. (p. 7)

As figuras de linguagem trabalhadas aqui são onomatopeia, comparação e gradação. A onomatopeia é o som reproduzido na escrita – nesse caso o “plaft” no meio do texto. A comparação é o efeito de comparar; nesse caso é a partida das contas brancas do colar “como meninas em fila ou gotas de choro”. E a gradação é a passagem gradual de um estado para outro; nesse caso, das contas se tornando “uma mancha branca, depois uma manchinha branca, ponto branco, pontinho, branco nenhum”.

E vão andando entre as pessoas, pegam uma e outra pelo braço, viram para cima o rosto de uma menina para olhá-la melhor, afastam as crianças que pulam ao seu redor como cachorrinhos, examinam as roupas. E destampam garrafas e abrem latas e bebem bebem como se naqueles jipes houvesse mais água que em todo o deserto. (p. 67)

As figuras de linguagem trabalhadas aqui são comparação e hipérbole. A comparação aqui se dá entre as crianças e cachorrinhos. A hipérbole é uma ênfase e um exagero no significado linguístico; nesse caso, como se houvesse mais água no jipe do que em todo o deserto.

Bate-papo e pesquisa

No capítulo “Este lugar é de morte” (p. 17), Ana conhece duas pessoas que estão trabalhando na restauração de um sarcófago. Esse é um trabalho de extrema importância para a preservação da história de povos antigos. Solicite aos alunos que pesquisem em publicações impressas ou digitais sobre os diferentes tipos de restauração: de documentos, de obras de arte, da arquitetura, etc. Para isso, pode ser feito um trabalho interdisciplinar com História. Pode-se abordar a importância da restauração de documentos. É possível também fazer a interdisciplinaridade com Arte, apresentando a importância da restauração de objetos históricos, de construções arquitetônicas e de obras de arte.

Peça aos alunos que pesquisem na internet ou em livros da biblioteca e que façam entrevistas com os professores de diferentes disciplinas sobre esse tema. Além disso, eles podem pesquisar também sobre os locais de patrimônio histórico no Brasil e sobre a situação de preservação desses locais. Ao final, pode ser organizada uma exposição com cartazes, divulgando a importância da preservação e da restauração desses patrimônios da humanidade.

Produção de texto

Peça aos alunos que releiam este trecho da obra **Ana Z., aonde vai você?**.

[...]

Agora Ana poderia muito bem ir atrás dos peixes. Não tem mais razão para ficar ali. Mas faz que vai, e não vai, porque um desejo enroscou-se no seu tornozelo feito uma corda, e não a deixa sair.

Hesita. Abaixa o queixo no peito. Depois levanta a cabeça e, numa arrancada, libera o tornozelo:

— Dá uma escama pra mim?

O mineiro para, desconfiado.

— Pra quê?

— De lembrança.

— Não posso. Mesmo. Aqui não se desperdiça nada. Não se tira nada que não se vai usar.

— Desperdício coisa nenhuma! Quem disse que não vou usar? Lembrança é muito mais útil que escama. Vou usar a vida toda. Juro.

— Jura?

Que bonito o sorriso do mineiro! Ele se abaixa, abre uma caixa de ferro tão escura quanto a pedra, cheia de gavetinhas. Abre uma gavetinha. Estende a mão para Ana.

Na palma, um brilho quase transparente, uma agulhada de ouro.

— Cuidado para não perder. É escama de rabo de filhote. [...] (p. 16-17)

Lembre os alunos de que somos seres carregados de memórias, e as lembranças que marcam significativamente nosso percurso são aquelas carregadas de afetos. Como a delicada escama de rabo de filhote, algumas lembranças brilham para sempre, iluminando a nossa trajetória.

Proponha aos alunos, então, que pensem na lembrança mais valiosa que guardam. Peça, a seguir, que escrevam um relato de experiência vivida, em 1ª pessoa. Para traduzir os sentimentos que envolvem o contexto memorável em que se passam os acontecimentos, oriente-os a utilizar as figuras de linguagem.

Após a escrita da primeira versão do texto, peça aos alunos que a revisem, partindo das seguintes perguntas:

- “Meu relato retrata bem a minha lembrança mais valiosa?”
- “Está explícito o que eu senti no momento dos fatos narrados e na rememoração deles?”
- “Utilizei variadas figuras de linguagem?”
- “Os fatos estão encadeados de maneira que o leitor consiga reproduzi-los?”
- “Há adequação ortográfica e gramatical?”

Após a revisão, eles devem produzir a segunda versão do texto e entregá-lo. Como forma de compartilhamento, pode ser organizada uma roda de leitura para que todos conheçam as lembranças uns dos outros.

Para saber mais

Labirinto – A magia do tempo, com direção de Jim Henson (EUA e Reino Unido, 1986). 101 min. Classificação indicativa: Livre.

Trata-se de um filme norte-americano e britânico produzido por Eric Rattray em parceria com George Lucas. O músico David Bowie atuou, compôs e cantou várias músicas para o filme. Assim como **Ana Z., aonde vai você?**, o filme mistura aventura e fantasia.

A protagonista dessa história, Sarah Williams, precisa cuidar, a contragosto, de seu irmão mais novo em uma noite em que seus pais saem. Durante a noite, o irmão desaparece do berço, e Sarah precisará atravessar um labirinto para resgatar o irmão e impedir que ele se transforme em um duende.

Fazendo arte

Como já foi mencionado, **Ana Z., aonde vai você?** é ilustrado pela própria autora. Peça aos alunos que folheiem o livro e observem as ilustrações. Depois disso, pergunte o que mais lhes chamou a atenção.

Durante a conversa, mostre aos alunos o uso de uma única cor, o azul, e como foi possível criar contrastes e detalhes apenas com ela. Para exemplificar, mostre as ilustrações das páginas 37 e 44. Nelas, percebe-se o contraste entre o claro e o escuro, as partes altas e baixas das dunas. A ilustração da página 42 é um excelente exemplo da riqueza de detalhes dos desenhos de Marina Colasanti: o deserto e as dunas estão também retratados no turbante do homem.

Proponha aos alunos que ilustrem trechos de **Ana Z., aonde vai você?** que não possuem ilustração na obra. Para isso, peça que eles escolham uma passagem que julguem significativa e que não tenha sido ilustrada pela autora. Oriente, então, os alunos a seguir a mesma técnica empregada por Marina Colasanti: uso de uma única cor, traços para compor o desenho, o trabalho com os contrastes, etc. Depois da atividade, as ilustrações podem ser expostas em um mural na escola.

Atividade interdisciplinar

A atividade proposta no item anterior, solicitando que os alunos ilustrem no mesmo estilo de Marina Colasanti, pode ser efetuada em parceria com o professor de Arte.

É possível também realizar um trabalho interdisciplinar com Biologia e Geografia propondo aos alunos que façam uma pesquisa sobre o bioma “Deserto”, que serve de cenário para boa parte da história. Oriente-os a procurar as informações em publicações impressas ou digitais e a colher o máximo possível de informações a respeito das características desse bioma, como: clima, fauna, flora, recursos naturais, etc.

Leia também

- *Alqueluz*, de Luiz Antonio Aguiar. Objetiva, 2005.
- *Kaschtanka e outras histórias de Tchékhev*, de Anton Tchekhov. Companhia das Letras, 2015.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília, 2013.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Brasília, 2006.

COLASANTI, Marina. *Fragatas para terras distantes*. Rio de Janeiro: Record, 2004.